

A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Cledines Fátima Vivian¹

RESUMO

O presente artigo buscou, por meio de pesquisa bibliográfica, refletir sobre a importância do lúdico no desenvolvimento da criança. Na leitura deste artigo você perceberá a importância de trabalharmos o lúdico na escola e fora dela. Conhecerá também um pouco sobre a história do brincar, as fases do desenvolvimento da criança e os seus brinquedos, o direito da criança à brincadeira e as diversidades de materiais que podem ser utilizados e oportunizados pelas instituições escolares às crianças, bem como a mediação do professor devendo ele ampliar o repertório lúdico das crianças e privilegiar tempo e espaço para que as mesmas utilizem livremente os brinquedos, as brincadeiras e os jogos, enfim, criem um mundo mágico e fantástico que é a ludicidade. Através deste artigo, chegou-se a conclusão de que o lúdico é muito importante para o desenvolvimento da criança, pois o mesmo incentiva na criança sensações, emoções e sentimentos que aumentam o desejo de aprender.

Palavras-chave: brincar – criança – desenvolvimento.

1 INTRODUÇÃO

O mundo está em constante mudança, assim também deve ser a escola, buscando sempre novas alternativas para que os alunos estejam participando mais em sala de aula e, também, que a apropriação do conhecimento seja mais significativa.

Hoje a sociedade está mais consciente da importância das experiências na primeira infância, que os primeiros seis anos de vida são de máxima importância para o desenvolvimento do ser humano, pois, ao longo deles, instauram-se e consolidam-se as bases fundamentais para o desenvolvimento da personalidade.

O tema escolhido para este artigo foi a importância do lúdico no desenvolvimento da criança. Este artigo visa também identificar e analisar a função do lúdico no desenvolvimento da mesma.

¹Pós Graduada em Educação Infantil e Anos Iniciais pela FAI FACULDADE de Itapiranga. Graduada em Pedagogia pela UDESC. Professora efetiva de Educação Infantil na Rede Municipal de Ensino de Tunápolis-SC. E-MAIL: nega_tna@hotmail.com

O brincar desperta na criança a curiosidade, a autoestima e a autoconfiança. Assim sendo, é preciso buscar subsídios para cada vez mais proporcionar às crianças um ambiente acolhedor e interessante, onde as mesmas possam assim expressar seus sentimentos.

2 A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

2.1 UM POUCO SOBRE A HISTÓRIA DO BRINCAR

Ao observar o desenvolvimento das infâncias, não se pode deixar de analisar a concepção de infância através dos tempos.

A palavra lúdico vem de *ludus*, de origem latina, derivada de *ludere*, que segundo Huizinga (1996), tem o sentido de "ilusão" e de "simulação". Além disso, significa aquela capacidade do ser humano de dar outro sentido a uma situação, uma ação ou objeto. Significa também brincar. Neste brincar estão incluídos os jogos, brinquedos e divertimentos, e é relativo também à conduta daquele que joga, que brinca e que se diverte.

Desde a idade média, as crianças eram vistas como adultos em miniatura, os brinquedos não eram vistos como algo que pudessem ensinar e muito menos para serem utilizados para fins pedagógicos.

Com a chegada da Era Moderna, o brinquedo era visto como uma forma de socialização e somente com o passar dos tempos é que o conceito de brinquedo e de brincadeira foi mudado.

Hoje muita coisa mudou, as crianças fazem parte de uma sociedade em movimento, que se adapta dia-a-dia à responsabilidade de cuidado dos futuros cidadãos. Atualmente, tem-se uma nova concepção de infância, que varia de acordo com a época, os valores e o lugar.

Segundo Bettelheim, (1988), o brincar da criança não está somente ancorado no presente, mas também tenta resolver problemas do passado, ao mesmo tempo em que se projeta para o futuro.

É preciso entender que a infância mudou e tem que ser respeitada em seus interesses e curiosidades. Que a criança possa brincar muito e desenvolver seu potencial. E que a infância seja apresentada para o mundo com olhar de criança, isto é, curiosa, carinhosa e capaz.

O lúdico deve ser considerado muito importante, porque ele faz parte do desenvolvimento do sujeito de uma forma natural. Winnicott (1975, p.19) considera que:

[...] o ato de brincar é o mais simples que a simples satisfação de desejos. O brincar é o fazer em si um fazer que requer tempo e espaço próprios; um fazer que se constitui de experiências culturais, que é universal e próprio da saúde, porque facilita o crescimento, conduz os relacionamentos grupais, podendo ser uma forma de comunicação consigo mesma (a criança) e com os outros...

Referente esta citação, vale lembrar que brincar é a arte de expressar e manifestar as relações existentes no nosso cotidiano.

2.2 A CRIANÇA E O BRINCAR

Não podemos pensar em educação e construção do conhecimento, sem pensar na sociedade em que vivemos, sendo que dentro deste contexto a educação deve ser vista como um meio de ajustar o indivíduo à sociedade.

A escola de educação infantil é o primeiro passo para a criança começar a garantir seus direitos e, ao mesmo tempo, manter momentos interativos e significativos entre a criança e o adulto.

[...] a infância tem sua própria identidade e que deve ser vivida em sua totalidade. O respeito a essa identidade mobiliza-nos, também, para o atendimento de que a criança deve viver plenamente sua cidadania, contando com condições adequadas ao seu desenvolvimento social e cultural, compartilhando com seus pares e com os adultos múltiplas oportunidades de exploração do tempo e do espaço de forma prazerosa e lúdica. (ARROYO, 1994).

Para este autor, valorizar e oportunizar as expressões das crianças, respeitando as diferentes linguagens e os aspectos psicológicos, sociais, intelectuais e físicos, bem como oportunizar tempo e espaço para a criança brincar, é de suma importância.

“Garantindo espaços e tempos ampliados para a brincadeira leve bem como para a manifestação de outras linguagens, estaremos respeitando a participação das crianças caminhando no sentido de garantir sua liberdade na escola e de convívio coletivo com outras crianças e adultos, socializando suas ideias, partilhando emoções, resolvendo conflitos, escrevendo sua vida cidadã. (PEIXE, e Marçal. 2003)

A criança aprende brincando, pois a brincadeira é algo “sem compromisso” que se realiza naturalmente, sem cobranças.

Brincando a criança desenvolve sua inteligência, realizando diversas percepções, estimulada por diferentes materiais e interações com seu meio na construção de um ser social. Wajskop (1995, p.35) registra que:

A brincadeira é uma situação privilegiada de aprendizagem infantil onde o desenvolvimento pode alcançar níveis mais complexos, exatamente pela possibilidade de interação entre os pares em um situação imaginária e pela negociação de regras de convivência e de conteúdos temáticos.

As brincadeiras, ou as atividades lúdicas são indispensáveis para a apreensão do conhecimento. É no brincar que há possibilidade de desenvolvimento da percepção, da imaginação, da fantasia, dos sentimentos e da criatividade.

Para Piaget (1971), quando brinca, a criança assimila o mundo a sua maneira, sem compromisso com a realidade, pois sua interação com o objeto não depende da natureza do objeto, mas da função que a criança lhe atribui.

Por meio desta citação, percebe-se que o jogo não deve ser visto apenas como diversão e a brincadeira ou o brinquedo para resgatar energia, pois os mesmos favorecem o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo, social e moral da criança.

[...] o brincar ocupa um lugar especial na vida das crianças, que são as principais formas de ação sobre o mundo, tornando o brincar uma atividade que deve ser levado a sério e um dos primeiros elementos das culturas infantis. (SARMENTO, 2004, p. 69)

Sabe-se que o brincar é necessário fora e dentro das instituições escolares, pois através das brincadeiras é possível representar a linguagem infantil associada à realidade da criança.

Acredita-se que a brincadeira não é apenas uma forma de divertimento, mas (são) meios que contribuem e enriquecem o desenvolvimento intelectual da criança. Segundo Rcnei (2001, p.28):

Pela oportunidade de vivenciar brincadeiras imaginativas e criadas por elas mesmas, as crianças podem acionar seus pensamentos para a resolução de problemas que lhes são importantes e significativos. Propiciando a brincadeira, portanto, cria-se um espaço no qual as crianças podem experimentar o mundo e internalizar uma compreensão particular sobre as pessoas, os sentimentos e os diversos conhecimentos.

2.3 AS FASES DO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E SEUS BRINQUEDOS

Como a brincadeira e o jogo, o brinquedo também é um recurso que ensina, desenvolve e educa de forma prazerosa.

Vigotsky (1989, p. 117) explica que “no brinquedo a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que é na realidade.

Nesse sentido, é necessário compreendermos que, no brinquedo, as crianças se desenvolvem num mundo imaginário, onde os desejos não realizáveis podem ser realizados.

Conforme Friedmann (1990), Piaget elaborou uma classificação baseada na evolução das estruturas mentais. Existem três formas básicas de atividade lúdica que caracterizam a evolução do jogo na criança, que são paralelas aos três estágios do desenvolvimento intelectual identificados por ele, os quais são chamados de pensamento sensório-motor, pré-operacional e operacional:

Jogo de exercício sensório-motor: esses jogos caracterizam a etapa que vai do nascimento até o aparecimento da linguagem, apesar de reaparecerem durante toda a infância. O jogo surge primeiro, sob a forma de exercícios simples, cuja a finalidade é o próprio prazer do funcionamento. Esses exercícios caracterizam-se pela repetição de gestos e de movimentos simples e têm valor exploratório, sendo que estão presentes até o momento em que as crianças começam a caminhar. Dentro dessa categoria, podemos destacar os seguintes jogos: sonoros, visual, tátil, gustativo, motor e de manipulação.

Jogo simbólico: entre os dois e os seis anos de idade a tendência lúdica predominante se manifesta sob forma de jogo simbólico, o qual surge ao mesmo tempo em que a linguagem, mas se desenvolve independente dela. Nessa forma de atividade lúdica, o jogo pode ser de ficção ou imitação, tanto no que diz respeito à transformação de objetos quanto ao desempenho de papéis. A função do jogo simbólico consiste em assimilar a realidade externa ao seu eu, fazendo distorções ou transposições. É através do faz-de-conta que a criança realiza sonhos e fantasias, revela conflitos interiores, medos e angústias, aliviando tensões e frustrações. O jogo simbólico é também um meio de auto expressão: ao reproduzir os diferentes papéis (de pai, mãe, professor, aluno etc.), a criança imita situações da vida real. Neste tipo de jogo, aquele que brinca dá novos significados aos objetos, às pessoas, às ações, aos fatos etc., inspirando-se em semelhanças mais ou menos fiéis às representadas. Dentro dessa categoria, destacam-se os jogos de faz-de-conta, de papéis e de representações. Quanto mais a criança avança na idade, mais próxima está da realidade.

Jogo de regras: os jogos de regras começam a se manifestar entre os quatro e sete anos e se desenvolvem entre os sete e os doze anos. Aos sete anos, a criança deixa o jogo egocêntrico, substituindo-o por uma atividade mais socializada, em que as regras têm uma aplicação efetiva e na qual as relações de cooperação entre os jogadores são fundamentais. No adulto, o jogo de regras subsiste e se desenvolve durante toda a vida por ser a atividade lúdica do ser socializado. Há dois tipos de regras:

- Regras transmitidas: nos jogos que se tornam institucionais, diferentes realidades sociais se impõem por pressão de sucessivas gerações (jogo de bolinha de gude, por exemplo);
- Regras espontâneas: essas regras vêm da socialização dos jogos de exercícios simples ou dos jogos simbólicos. São jogos de regras de natureza contratual e momentânea.

Os jogos de regras são combinações sensório-motoras (corridas, jogos de bola) ou intelectuais (cartas, xadrez) com competição dos indivíduos e regulamentados por um código transmitido de geração, ou por acordos momentâneos. Esta classificação enfatiza a importância por Piaget ao papel da ação e a ideia de que a ação mental e física estão muito relacionadas.

Concorda-se com o autor, pois o jogo, o brinquedo e a brincadeira são a essência da infância e seu uso permite um trabalho pedagógico que possibilita a produção do conhecimento e também a estimulação da afetividade da criança.

O brinquedo é a oportunidade de desenvolvimento. Brincando, a criança experimenta, descobre, inventa, aprende, além de estimular a concentração e a atenção.

Brougère (2004, p.8) caracteriza o brinquedo como dotado de forte valor cultural, a partir do entendimento de que a cultura é o "conjunto de significações produzidas pelo homem." Para o autor, "o brinquedo é rico de significados que possibilitam compreender determinada sociedade e cultura."

A explosão, a manipulação e a atribuição de significados ao objeto enriquecem a brincadeira, no sentido que o brinquedo tem "o papel de despertar imagens que permitirão dar sentido a essas ações e ainda estimula a brincadeira ao abrir possibilidades de ações coerentes com a representação." (BROUGÉRE, 2004, p.15)

O brinquedo, dessa forma, pode ser entendido como suporte, que ajuda a criança a crescer de modo saudável, tanto no seu desenvolvimento físico, intelectual e emocional.

3 O DIREITO DA CRIANÇA À BRINCADEIRA

O artigo 6º da Constituição Federal de 1988 aponta que a educação, o lazer, a proteção à maternidade e a infância, dentre outros, são direitos sociais.

Segundo essa Constituição, toda criança tem direito de crescer e de se desenvolver integralmente em ambientes educativos, tais como, a família e as instituições coletivas de educação infantil. Nesses ambientes, a brincadeira figura como atividade essencial, em que a criança representa papéis e compreende o mundo do qual faz parte, vivenciando o mundo do adulto, seu trabalho, seus problemas, etc.

Quando brincam, as crianças desenvolvem sua imaginação e, ao mesmo tempo, também podem construir relações reais de organização e convivência.

“[...] Desde muito pequena a criança participa das práticas sociais e culturais de sua família, de seu meio, enfim dos grupos com os quais convive. Gradativamente ela vai descobrindo o mundo físico, psicológico, social, estético e cultural que lhe é apresentado pelos adultos e outras crianças no dia-a-dia. A sua formação como sujeito em processos de humanização vai se estruturando a partir de experiências assimiladas em interação com outras pessoas. É, pois inserida no ambiente afetivo e cultural que a criança vai desenvolver seu processo de socialização.” (Ferraz e Fusari, 1991, p. 41).

Para este autor, propor para as crianças interações com os adultos e com outras crianças, contribuirá para o desenvolvimento social e emocional, mas para isso é necessário privilegiar o brincar como expressão da infância que traz consigo múltiplas linguagens, compreendendo a organização dos sentimentos, das emoções e por possibilitar modos diferentes de pensar o mundo, pois as crianças brincam seriamente.

Conforme Caderno Pedagógico Lúdico na Educação Infantil, (2005, pág. 41), outros documentos legais, como por exemplo, o Estatuto da Criança e do Adolescente/90, a Constituição Federal/88 e a LDB/96, se construiu uma nova forma de olhar a criança, com direito de ser criança: direito ao afeto, à brincadeira, ao querer e ao não querer, ao conhecer, ao sonhar e, principalmente, o direito à participação e enfatizando o direito à brincadeira:

O artigo 6º da Constituição Federal de 1988 aponta que a educação, o lazer, a proteção à maternidade e à infância, dentre outros, são direitos sociais.

Já o artigo 30, do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8069 de 13 de julho de 1990), fala que a criança deve gozar de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana que lhe possibilitem o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

O artigo 4º também do Estatuto da Criança e do Adolescente, sublinha que é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar a efetivação, dos direitos à educação, ao lazer, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, dentre outros.

Também a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional (Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996), em seu artigo 29, destaca que a Educação Infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seu aspecto físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Já o Documento do MEC/95: fala dos critérios para um atendimento em creche que respeite os direitos fundamentais das crianças, enfatizando o direito à brincadeira. Esse documento ressalta que os brinquedos devem estar disponíveis às crianças em todos os momentos, sendo que os espaços internos e externos da instituição possibilitem a brincadeira e os jogos.

Pode-se concordar com todos esses artigos, pois a brincadeira pode se constituir num espaço fértil em que todos os aspectos citados são privilegiados, entendendo a brincadeira como atividade séria e valiosa em si mesma e não na perspectiva de preparar ou remeter a outros objetivos que não sejam o de exclusivamente caracterizar a dimensão do ser criança, a partir de sua própria cultura lúdica.

É também necessário perceber as formas coletivas e individuais de participação das crianças. Pois é na participação das brincadeiras que a criança vivencia experiências diferentes, proporcionando assim, a construção e produção de fazeres e saberes.

É através da brincadeira e do brinquedo que a criança manipula imagens e significações presentes na cultura em que faz parte, reproduzindo elementos ressignificados, bem como, produzindo novos elementos e essas ações lhe despertam a criatividade, o prazer, a tensão e o divertimento.

3.1 PAPEL DO PROFESSOR E OS RECURSOS QUE ELE PODE CONTAR

Brincando as crianças aprendem, enfrentam desafios que despertam sua imaginação e sua inteligência. As brincadeiras são também formas de pensamento próprias da criança e brincando ela se relaciona consigo mesma, com as pessoas e com os objetos ao seu redor.

Mas para que isso tudo aconteça, é necessário que o educador insira o brincar ou atividades lúdicas em um projeto educativo, o que supõem intencionalidade, ou seja, ter objetivos e consciência da importância de sua ação em relação ao desenvolvimento e a aprendizagem infantil.

Ao permitir a manifestação do imaginário infantil, por meio de objetos simbólicos dispostos intencionalmente, a função pedagógica subsidia o desenvolvimento integral da criança. Nesse sentido, o jogo, o brinquedo e a brincadeira empregado na escola, desde que respeite a natureza do ato lúdico, apresenta caráter educativo. (KISHIMOTO 1997).

A formação lúdica se assenta em propostas que valorizam a criatividade, o cultivo da sensibilidade, a busca da afetividade, proporcionando aos futuros educadores vivências lúdicas, experiências corporais que se utilizam da ação do pensamento e da linguagem, tendo no jogo sua fonte dinamizadora.

Contudo vale ressaltar que, quanto mais o educador vivenciar sua ludicidade, maior será a chance deste profissional trabalhar com a criança de forma prazerosa, enquanto atitude de abertura às práticas inovadoras. Tal formação permite ao educador saber de suas possibilidades e limitações, desbloquear resistências e ter uma visão clara sobre a importância do jogo e do brinquedo para a vida da criança.

A brincadeira e o brinquedo são elementos fundamentais para o prazer da criança, para que as mesmas interajam umas com as outras, trocando experiências, manifestando afetos, desejos, alegrias, tristezas, amor, raiva, etc.

“Brincar é um direito fundamental das crianças e cabe as instituições, em situação de complementos às famílias, oferecerem o máximo de situações interativas e lúdicas, com o uso dos mais diferentes materiais lúdicos que possibilite diferentes oportunidades da expressão das múltiplas linguagens e vivência das diversidades culturais”.(CADERNO PEDAGÓGICO LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL, 2005).

Concorda-se com esta citação, pois, a brincadeira e o brinquedo também possibilitam que o educador, através de observações, conversas e, principalmente, interações com as crianças, conheça mais os interesses das mesmas, redimensione o tempo e o espaço, pesquise novas situações e novos materiais lúdicos, troque ideias com seus colegas, enfim, repense seu trabalho, sua avaliação, seu planejamento em função das pistas que as crianças vão lhe dar.

Segundo Peixe e Marçal, apud Caderno Pedagógico Lúdico na Educação Infantil - UDESC (2005, pág. 70-71), as atividades lúdicas e o uso de materiais lúdicos podem ser dos mais variados:

Brincadeiras de papéis ou jogo de papéis: brincadeira, também conhecida como faz-de-conta, são suportes importantes para o enriquecimento das brincadeiras.

Brincadeiras com materiais de construção, junção, encaixe, conexão e manipulação: nessas brincadeiras as crianças podem criar situações imaginárias ou simplesmente curtir os brinquedos e os jogos e suas texturas, como encaixes, quebra-cabeças, cubos, martelos, areia, água, etc.

Jogos de mesa: nesses jogos as crianças participam de desafios e estratégias. Os jogos podem incluir alguma história e aguçar a imaginação das crianças, trazer pistas, estimular diferentes expressões, envolver questões de ética e discussões de regras, sorte, ampliar informações acerca de diferentes áreas do conhecimento, etc.

Jogos de movimento: nesses jogos, as crianças se expressam com diferentes movimentos corporais, com discussão de regras, com competições. Podem ser utilizados equipamentos de parque, bolas de vários tamanhos, materiais esportivos, etc.

Jogos tradicionais: são jogos passados através de narrativa oral, de geração, como cantigas de rodas, jogos de corda, pipa, perna de pau, etc.

Livros: são materiais que desenvolvem o gosto pela leitura, a estética, a interação entre os adultos e as crianças ao criar e recriar histórias, contar e recontar, manusear, ler e fazer de conta que se lê. Podem ser vários gêneros como poesia, narrativa, descrição, contos de fadas...

CDS, vídeos: são materiais audiovisuais que também enriquecem o repertório das crianças com músicas, histórias, aventuras, etc.

Nota-se que há uma enorme diversidade de materiais com que o educador pode contar, por isso é necessário que o mesmo deixe espaços e tempos para as crianças brincarem. E que o educador perceba que ele deve estar em constante formação, tendo um compromisso sério e engajado com a criança e com a infância, numa pedagogia que respeite seus direitos fundamentais, essencialmente o seu direito à participação e à brincadeira.

Segundo Oliveira, apud Caderno Salto para o Futuro (2009, pág. 33), a formação do professor deve ser contínua ao longo de sua trajetória profissional e centrar seu foco na reflexão sobre sua prática junto às crianças, como forma de pesquisar modos mais sensíveis de cuidar delas e de educá-las. Ainda ressalta que, conforme o professor busca conhecer cada uma das crianças de seu grupo, ele pode aperfeiçoar suas observações sobre elas e discutir o seu olhar sobre as situações cotidianas em momentos de formação continuada na unidade de Educação Infantil. Assim, a formação continuada do professor que irá trabalhar com as crianças de zero a seis anos deverá garantir-lhe o domínio de competências para:

- Organizar condições de acolhimento, cuidado e aprendizagem das crianças;
- Interagir com as crianças de modo a mediar-lhes sua aprendizagem e desenvolvimento;
- Pesquisar recursos e materiais adequados à educação e ao cuidado das crianças;
- Interagir com as famílias, reconhecendo-as como parceiras no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças;
- Refletir sobre sua prática docente cotidiana em termos éticos, políticos e psicopedagógicos.

Portanto, fica claro que, todas as crianças, têm direito à brincadeira, a um espaço digno e sadio, onde os professores vejam e atuem como sujeitos da história.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste artigo, por meio de leituras feitas sobre a importância do lúdico no desenvolvimento da criança, percebe-se o quanto é importante o brincar para o desenvolvimento do sujeito.

Através do ato de brincar a criança incorpora valores morais e culturais e as atividades lúdicas visam à autoestima, o autoconhecimento e a cooperação, porque estes conduzem à imaginação, à fantasia, à criatividade e a uma porção de vantagens que ajudam a

estruturar suas vidas, como criança e como adulto. Portanto, o brincar é um instrumento essencial de aprendizagem e crescimento.

Através da brincadeira a criança constrói laços de amizade, afetividade e socialização de culturas e conhecimento.

Constatou-se também que, quando a criança brinca, o afeto, a motricidade, a linguagem, a percepção, a representação, a memória e outras funções cognitivas estão profundamente interligadas.

O brincar auxilia na construção do indivíduo como sujeito, possibilitando que ele seja capaz de regular voluntariamente sua conduta, pois é pelo brincar que a criança se apropria das significações produzidas nas relações sociais, constituindo-se o sujeito.

Brincando a criança se liberta de seus medos e angústias, aprende a se socializar e a se comunicar melhor, desenvolvendo o raciocínio, o equilíbrio mental e corporal, liberando a criatividade.

O brinquedo é uma manifestação de progresso de pensamento; quanto mais tempo a criança brinca, maior será a evolução do seu pensamento.

Cabe ao educador deixá-los sedentos de descobertas. Através do brincar haverá a reflexão e por fim a aprendizagem. A ludicidade fará com que a aprendizagem e o desenvolvimento sirvam para a constituição de sujeitos que simplesmente não pertençam a uma sociedade, porém a questiona e a transforma.

Este é mais um artigo que apenas relatou algumas reflexões sobre a importância do lúdico no desenvolvimento da criança. Acredita-se como não acabadas as colocações aqui apresentadas, pois as ideias que estão esboçadas nele não se esgotam, sendo que estas e outras questões podem ser pesquisadas e discutidas para aprofundar ainda mais o conhecimento sobre a importância do lúdico no desenvolvimento da criança.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. **O significado da infância** In: Simpósio Nacional de Educação Infantil. Brasília: MEC, 1994. MEC/SEF/DPEF/COEDI, p. 88-92

BETTELHEIM, Bruno. **Uma vida para seu filho: pais bons o bastante.** (M. Sardinha & M. H. Geordane, Trads). Rio de Janeiro: Campus, 1988.

BRASIL, **Constituição da república Federativa do Brasil**, Brasília, DF: Senado Federal, 1998.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e Cultura**; Coleção Questões da Nossa Época. São Paulo: Cortez, 2004.107p.

FERRAZ, Maria Helena C. de Toledo.; FUSARI, Maria F. de Resende. **Metodologia do Ensino de Arte**. São Paulo, Cortez,1991.

FRIEDMANN, A. **O direito de brincar: a brinquedoteca**. São Paulo: Scritta, Abrinq, 1990, 260 p.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1996. 243 p.

KISHIMOTO, TIZUKO M. et all. **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação**. São Paulo: Cortez, 1997.

OLIVEIRA, Zilma M. R. et all. **Salto para o Futuro**: Desafios no planejamento curricular de programa de formação pedagógica de educadores de creches em curso normal de nível médio. Contrapontos, vol.4, n. 1, 43-56, Itajaí, jan./abr.2004

PEIXE, D.C.; MARÇAL, M.T. **Educação @ distância**: Lúdico na educação infantil. Florianópolis: UDESC, 2003.

PIAGET, L. E. **A formação do símbolo na criança**. Tradução de A. Cabral e C. M. Oiticica. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

RCNEI. **Referencial Curricular para a Educação Infantil**. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO- SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Brasília: MEC- SEF, 2001.

SARMENTO, M. J. **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto, Portugal: Asa Editores, 2004.

UDESC- **Caderno Pedagógico Ludico na Educação Infantil**. Florianópolis, 2005

VIGOTSKY L. S. **A formação social da mente**. 3ª ed. Trad. José C. Neto, Luis S. M. Barreto, Solange C. Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WAJSKOP, G. **Brincar na Pré-Escola**. São Paulo: Cortez, 1995.

WINNICOTT, D.W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.